

DOIS EDITORIAIS EM TEMPOS DE GUERRAⁱ

por Aleister Crowley

I

Humanidade em Primeiro Lugar

Novembro de 1917 e.v.

PODE SER que um dia a placa de ouro com suas inscrições em diamante seja arrancada por vândalos – Neo Zelandês de Macaulay ou outro – do meu sarcófago. Pode ser que séculos depois os arqueólogos estudiosos de alguma nação, ainda assim não convidados, ao escavar as ruínas da Abadia de Westminster, possam encontrar aqueles ossos e os enviem aos anatomistas para exames.

O relatório destes anatomistas pode ser alguma coisa nesses termos: “Estes são os ossos de um mamífero, um primata, homo sapiens. O crânio não é prógnato; esta pessoa era provavelmente um Caucasiano”.

Eu concordo com prazer em tal julgamento. Seria limitação ser descrito como “este Alemão”, ou “este Japonês”. Homem é homem, e nele arde a chama mística da Divindade. É uma blasfêmia discriminar, além disso, antagonizar o Russo contra o Turco, em qualquer assunto mais sério do que crença, hábito ou costume nacionais.

Todos os pensadores evoluídos, todos os homens que percebem o plano divino, desejam e buscam pela solidariedade da humanidade; e o patriota, no sentido estreito e enfurecido desta palavra, é um traidor dos autênticos interesses do homem. Pode ser necessário, aqui e agora, defender a sua própria porção de humanidade contra a agressão; porém mesmo isto deveria sempre ser feito com esta reserva mental: “Que esta guerra possa ser a criadora de uma paz mais sólida; que essa discussão possa levar a uma compreensão melhor; que esta divisão possa levar a uma união mais elevada”.

“Os piores inimigos de um homem são aqueles do seu próprio lar”, piores inimigos de qualquer nação são os seus patriotas mesquinhos. “Patriotismo é o último recurso de um patife”.

O antagonismo deliberado das nações é o mais repugnante dos crimes. É a Imprensa das nações em Guerra que, ao inflamar as paixões dos ignorantes, que mobiliza a Europa através dos ouvidos. Tivessem todos os homens sido educados e viajados, eles não teriam ouvido aquelas harpias gritantes. Agora o mal está feito, e cabe a nós repará-lo como pudermos. Este deverá ser o nosso mote, “Humanidade em primeiro lugar”.

Todas as pessoas que generalizam a respeito das nações: “Todos os alemães são assassinos” – “Todos os franceses são adúlteros” – “Todos os ingleses são esnobes” – “Todos os russos são bêbados” – e assim por diante, devem ser silenciadas. Todas as pessoas que se apegam a interesses e vinganças insignificantes devem ser silenciadas. Nós devemos nos recusar a ouvir qualquer homem que não perceba que a própria civilização está em jogo, que mesmo agora a Europa pode estar tão enfraquecida que ela pode sucumbir como uma presa às forças do atavismo, que a guerra poderá ser seguida pela falência, revolução e fome, e que até mesmo dentro do nosso próprio tempo de vida a Torre das Eras pode ter desabado em ruínas irreconhecíveis.

Nós devemos nos recusar a ouvir qualquer homem que não tenha removido de si, de forma resoluta, todos os interesses limitados, todas as paixões nacionalistas, que seja incapaz de contemplar esta humanidade ferida com o olhar amplo, claro, desapaixonado embora cheio de compaixão do cirurgião, ou daquele que não é honesto na sua determinação de salvar a vida a qualquer custo mesmo com a mutilação de qualquer membro em particular.

Nós devemos ouvir o alemão que entende que a Inglaterra é uma nação grande, progressista e iluminada, cujo bem-estar é necessário para a saúde da Europa; e o francês que enxerga na Alemanha o seu próprio melhor amigo, o modelo de ciência, organização e previsão, que sozinha pode reconstruir o templo derrubado. Nós devemos ouvir o inglês que está desejoso de experimentar a Liberdade dos Mares; e ao russo que reconhece que é tempo de por um fim à tirania das armas e à ameaça de intriga.

A Imprensa alarmista de cada país, sempre ávida de ganhar alguns centavos através das paixões das multidões que não pensam e não entendem, chamará a cada homem destes de traidor.

Que seja assim. Que o interesse menor seja traído em favor do maior, o benefício particular de qualquer país a favor da Comunidade mundial. Não mais acreditemos nos homens, mas no homem. Recordemo-nos de quem veio do céu e foi feito carne entre os judeus, não para conduzir o seu próprio povo à vitória, não para aceitar aquele domínio parcial da terra, mas para trazer luz e verdade para toda a humanidade.

Se o Salvador da Humanidade tivesse se dignado a aceitar a missão patriótica de expulsar os romanos, ele teria unificado a sua nação, mas o homem não teria sido redimido. Portanto, o seu povo o chamou de traidor, e o traíram entregando-o aos seus próprios opressores.

Que aqueles que estão desejosos, como Ele estava, em aceitar o ultraje e, se necessário, a Cruz, vão em frente; que eles portem o Estandarte do Sol como sua bandeira, pois que o Sol brilha igualmente sobre todas as nações da terra; e que na sua frente de sua batalha, sempre brilhe este pensamento redentor: “A Humanidade em Primeiro Lugar”.

II

Nós Estamos Acima

Dezembro de 1917, e.v.

É uma tarefa um tanto desagradável: mas supomos que alguém terá que realizá-la, e parece que este alguém tem que ser nós mesmos.

Em tempos normais a arte e a literatura cuidam de si mesmas. A Sabedoria é justificada pelos seus filhos. Antes de estarmos mortos por trezentos anos alguém muito certamente o perceberia. A grande massa de pessoas é uma massa homogênea de idiotice sem cérebro. Os homens são animais estúpidos, e as mulheres apenas apregoam. Em tempos de paz, os jornalistas mercenários são tão apagados quanto insignificantes; mas quando a guerra irrompe, a histeria natural das mentes fracas se torna sonora, e todo mundo quer “fazer a sua parte” guinchando de um lado ou de outro, quando na melhor das hipóteses o melhor que este deveria fazer seria se enterrar.

Estas mentes pequenas não conseguem conceber as grandes ideias que distinguem um homem de um manequim. Eles imaginam que Rodin era francês, e Wagner alemão. Eles não compreendem que estas

peças não eram homens, mas Deuses. Eles não compreendem que as criações de tais homens eram da natureza daquela imagem da grande Deusa Diana que desceu do céu por nós, homens, e para a nossa salvação. Eles não compreendem que Rheims é tão sagrada quanto Cologne; que o Kremlin deveria ter sido protegido dos loucos, que estão tentando traduzir Bernard Shaw em ação, como Jerusalém (se ali houver algo de valor artístico) dos Britânicos. Como de fato, eu creio que não há nada além de um monte de monumentos históricos falsos camuflados pelos Sírios astutos do tipo Chautauqua para a exploração de turistas Americanos. Se for assim, Allenby, vamos lá!

Mas quanto a nós, permanecemos a sós. Eu não sei se a Bulgária está em Guerra com a Inglaterra; mas se estiver, é evidentemente o dever perante Deus e cada homem búlgaro derrotar o General Haig. Ao mesmo tempo, se algum daqueles búlgaros não respeitar a Capela do Kings College, ou usar a minha primeira edição de *Adonais* como combustível para iluminação, eu vou arrebentar a cara *dele* caso eu consiga pegar o búlgaro no ato. Estamos guerreando por Democracia, mas também por civilização, aparentemente devido ao nosso amor inerente pelo paradoxo. Nós temos aqui uma guerra dentro de uma guerra. Nós não temos que combater apenas o inimigo externo e o inimigo interno, mas também o inimigo que é o pior de todos, o amigo super zeloso. Nós nos sentimos muito mais como o Presidente se sente a respeito dos Vigilantes. Se os burros bem intencionados fossem apenas mulas, quão úteis eles poderiam ser nas baterias! Queremos quebrar a vontade política de outro grupo de nações, e os nossos piores inimigos são aqueles do nosso próprio povo que estão dando este espetáculo de presente. Nós vamos à Guerra para defender os direitos das nações menores, e aprisionamos irlandeses que não conseguem se esquecer de que as suas mães foram estupradas por soldados britânicos. Nós somos particularmente fortes na Bélgica, e os seus representantes se queixam que não haverá lugares para a Bélgica no conselho de guerra dos Aliados. Os alemães vão à guerra por *Kultur*, e ainda assim não conseguem encontrar um expediente para contratar o bombardeamento de catedrais. E se estas coisas são feitas sob a árvore verde das pessoas que estão no poder, o que então será feito sob a árvore seca e sob os ramos murchos dos medíocres. Temos a nossa atenção desviada do negócio da batalha pelos grunhidos miseráveis destes porcos auto anunciados, que são apenas porquinhos-da-índia na medida em que sempre podem ser encontrados vendendo suas almas por um tostão. Não é apenas inútil e estúpido recusar os benefícios daqueles que na mais baixa estimativa foram nossos amigos, mas a destruição absoluta dos princípios plenos da civilização.

A arte é longa e a vida política é breve. Se ficarmos enfurecidos com os alemães por bombardearem a igreja de São Marcos, coisa que eles ainda não fizeram, nós certamente deveríamos declarar guerra aos franceses por causa do que Napoleão realmente fez com a igreja de São Marcos há cem anos. De modo a executar este programa de maneira ainda mais eficaz, podemos destruir as estátuas de Lafayette, e queimar totalmente os nossos *Shakespeares* já que os ingleses queimaram o Capitólio em Washington. São apenas as mentes mais insignificantes que percebem qualidades nacionalistas em obras de arte. No máximo, as escolas nacionalistas formam uma classificação conveniente. Se os holandeses, como algumas vezes pareceram estar dispostos, decidirem que a causa alemã é a da liberdade, civilização e progresso, e se determinarem a lutar do lado deles, algum patriota descobrirá imediatamente que Rembrandt não sabia como pintar? Não seria melhor refletirmos sobre isso agora? O Sr. Roosevelt decidirá trocar o seu nome por algum menos comprometedor? E nós destruiremos a instituição do casamento porque os habitantes de Old Kent Road se dirigem às suas esposas como “minha velha holandesa”? Nós mudaremos o feminino de duque para ‘Americanesa’, para ser mais seguro, e um tanto mais verdadeiro de alguma forma?

Não consigo expressar o quão profundamente eu sinto a respeito deste assunto. Os gritos insensatos da ralé ameaçam ensurdecer até mesmo aqueles poucos ouvidos que estavam sintonizados com a voz ainda pequena

da sabedoria. O perigo é enorme. Mesmo a derrota seria preferível a uma iconoclastia universal. Esta não é uma história nova. Muitas e muitas vezes os tesouros mais inestimáveis da antiguidade, para não falar da estrutura das civilizações quando estas surgiram, foram totalmente e irremediavelmente destruídos nas lutas religiosas e políticas mais miseráveis. A biblioteca de Alexandria não era mais valiosa para a humanidade do que todo o Império Romano? Não eram os vitrais das janelas das igrejas mais importantes do que toda a luta entre Protestantes e Católicos? As pessoas que não compreendem isso são Hunos.

Este periódico não é basicamente político. Na medida em que o for, ele é e será leal: mas ele se defenderá da tese na qual para ser leal é preciso ser insano. “Batalha, assassinato e morte súbita” é um esporte excelente, e é extremamente necessário neste momento. O sistema excretor da natureza, a pestilência, foi constipado pelos esforços equivocados da medicina e da higiene. Nós tivemos que nos livrar do excesso de população, e nós optamos pelo nosso próprio modo insensato ao invés de permitir o modo sábio da Natureza. Então, nem mais uma palavra contra a guerra! Porém os tesouros da arte, da literatura, da música, desta vez deverão ser preservados para a humanidade; e estamos determinados a resistir até a morte contra qualquer ataque àqueles tesouros. Nós estamos – neste momento – combatendo os alemães: mas Fausto, Siegfried e Zaratustra, a conquista de Kant na filosofia e as realizações de Helmholtz na física, devem ser levadas “para além dos limites”. Nós estamos acima.

© *O.T.O. – Ordo Templi Orientis*

INFORMAÇÕES EDITORIAIS

Título:	Dois Editoriais em Tempos de Guerra
Autor:	Aleister Crowley
Publicado em:	<i>The International (1917 e.v.)</i>
Origem:	Espaço Novo Æon (www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon)
Tradução:	Arnaldo Lucchesi Cardoso (arnaldolucchesi@hotmail.com)
Revisão:	Jonatas Lacerda (jonatas.lacerda@thelema.com.br)
Edição:	Jonatas Lacerda (jonatas.lacerda@thelema.com.br)
Versão:	1.0 – 25/12/2011 e.v.

ⁱ O presente ensaio (ou livro) pode ser encontrado no site www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon. O copyright © de todo material de autoria de Aleister Crowley pertence à O.T.O. – Ordo Templi Orientis (<http://oto.org/>) e esta tradução não pode ser utilizada de forma alguma para fins comerciais, devendo sempre manter os créditos e ressalvas. **Importante:** o Espaço Novo Æon não é um veículo da O.T.O. – Ordo Templi Orientis e nem está subordinado ou é patrocinado pela mesma.